
CAPITALISMO, TRABALHO E EDUCAÇÃO

-Editorial-

Eraldo Leme Batista¹

Paulino José Orso²

Esta edição da Revista *Germinal Marxismo e Educação em Debate* (v. 6, n. 1, dez. 2014) é dedicada à discussão sobre as conexões, interseções e contradições entre *Capitalismo, trabalho e educação*. Sua organização se justifica pela necessidade de discutir acerca dos embates entre educação e trabalho no atual contexto da sociedade capitalista, bem como, da necessidade de compreender melhor as contradições inerentes ao atual modo de produção da vida social. Nele reunimos um conjunto de produções que envolve a seção de debates, artigos, entrevista, um clássico, uma resenha, além de resumos de Teses e dissertações.

A acepção de educação aqui entendida diz respeito ao seu sentido amplo, compreendida como “a forma como a sociedade, em seus diferentes espaços, por suas distintas formas, meios e condições, prepara e educa os indivíduos para viverem nela mesma”. Deste modo, a escola torna-se um dos espaços educativos e não o único. Assim, a educação escolar deixa de ser entendida como a determinante absoluta, para ser mais um dos determinantes, quer seja dos indivíduos ou da sociedade. Como diz Marx, quem educa são as relações de produção e reprodução da vida material, que em última instância, manifesta-se como uma determinação econômica.

Qualquer que seja a forma de educação, da mesma forma que as relações e condições de trabalho, encontram-se, na atualidade, profundamente marcadas pelo modo de produção vigente, o capitalismo, que em seu estágio monopolístico, financeiro, multi e transnacional, numa palavra, imperialista, submete e transforma tudo e todos em meras mercadorias à serviço de sua concentração e reprodução ampliada. Para isso, não só amplia a extração da mais valia por meio de sua forma relativa, como também da absoluta, uma vez que as modernas forças produtivas possibilitam tanto intensificar a produção no próprio espaço de trabalho como também no lar e até mesmo no lazer. Entretanto, em seu ímpeto voraz de expansão e domínio, ao invés de possibilitar uma vida digna para todos, no máximo socializa migalhas, torna-se mais agressivo e destrutivo do que nunca, espalhando e deixando atrás de si um rastro de destroços, misérias, violência, dor e sofrimentos por todo o planeta.

A seção de artigos reúne treze contribuições de importantes intelectuais, um do estrangeiro e doze de brasileiros que, de longa data, vêm discutindo as relações entre *capitalismo, trabalho e educação*. Abrimos a seção com o artigo intitulado: *Trabalho e capital: as antípodas do sistema*, do sociólogo e pesquisador do Centro de Estudos Latino-Americanos, da Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Universidade Nacional Autônoma do México (Cela/Unam), Adrián Sotelo Valencia, que analisa as mudanças pelas quais o mundo tem passado desde a segunda metade do século XX até o atual momento, passando pela dissolução da União

Soviética, a destruição das Torres Gêmeas e a atual crise econômica que varre o mundo a partir de 2008-2009, para verificar se elas alteraram a essência do sistema capitalista ou apenas a sua forma. O autor conclui pela última apreciação. Defende que hoje o metabolismo social do capital é universal e as contradições entre trabalho e capital são de tipo antagônicas.

Na sequência, João dos Reis Silva Júnior e Alan Victor Pimenta, no artigo intitulado *Capitalismo, trabalho e educação: o caso das Instituições Federais de Educação Superior*, analisam o trabalho dos professores nas Instituições de Ensino Superior no atual estágio do capitalismo. Para isso, utilizam-se de uma releitura teórica das formulações de Marx sobre Trabalho Produtivo. Élcia Esnarriaga de Arruda e Silvia Helena Andrade de Brito, em artigo denominado *Expansão e empresariamento da educação profissional técnica de nível médio em debate*, com base em pesquisa documental e bibliográfica, como o próprio título indica, analisa a expansão e o empresariamento da educação profissional no Brasil e especificamente no Mato Grosso, tanto no setor privado como no estatal. Celso João Ferretti, por sua vez, trata do *Desenvolvimento nacional e regional e as demandas ao campo da educação*, com o objetivo de promover uma reflexão a respeito das relações estabelecidas entre educação e desenvolvimento, principalmente a partir da década de 1990 do século passado. Na sequência, Gaudêncio Frigotto, Maria Ciavatta e Marise Ramos, no artigo denominado *A educação de trabalhadores no Brasil contemporâneo: um direito que não se completa*, analisam a política de educação profissional no Brasil, ao longo de dez anos de governo conduzido pelo Partido dos Trabalhadores e discorrem sobre a determinação fundamental subjacente à negação reiterada do direito à educação básica e profissional de qualidade à classe trabalhadora, na particularidade do projeto construído e mantido pela classe burguesa brasileira, de capitalismo dependente. Fábio Fernandes Villela, por sua vez, aborda a *Educação e hegemonia: a formação de intelectuais na Itália dos anos 20, a organização da industrialização em São Paulo e a construção da hegemonia burguesa no Brasil*. Adotando com referência teórica Antônio Gramsci, Villela retoma algumas relações entre a educação dos intelectuais na Itália dos anos de 1920, a organização da industrialização em São Paulo e a construção da hegemonia burguesa no Brasil. Na sequência, o artigo *Um conceito marxista do salário*, de Jorge Luiz Souto Maior, analisa a questão do salário em Marx, de acordo com o qual a “forma jurídica salário extingue todo vestígio da divisão da jornada de trabalho em trabalho necessário e mais-trabalho, em trabalho pago e trabalho não pago”, sendo que pelo salário, “Todo trabalho aparece como trabalho pago”. Maria Orlanda Pinassi, por sua vez, discute sobre a formação da consciência. Analisando *Florestan Fernandes e a crise do capital: a urgência da educação e formação da consciência crítica*, afirma que a educação e a formação da consciência efetivamente crítica e revolucionária só podem ser conquistadas a partir da realidade das lutas travadas contra o capital, da experiência que emana da agudeza das contradições da atualidade. Roberto Heloani e Evaldo Piolli, no artigo intitulado *Trabalho e subjetividade na “nova” configuração laboral: quem paga a conta?*, fazem uma análise sobre a nova configuração do trabalho ao mesmo tempo em que discutem suas implicações sobre a saúde e a subjetividade dos trabalhadores. Na sequência, *A divisão sexual do trabalho no setor portuário*, Cláudia Mazzei Nogueira faz uma análise da divisão sócio-sexual do trabalho no setor portuário, mais especificamente do Porto de Santos, oferecendo traços preliminares sobre esta divisão dando ênfase ao trabalho feminino. Cláudia Schemes, Cristina Ennes da Silva e Acácia Zeneida Kuenzer se ocupam de outro setor específico de trabalho em que analisa *A precarização do trabalho e da educação na cadeia produtiva do setor*

coureiro-calçadista do Vale do Sinos (RS). O objetivo do artigo é verificar a articulação entre os processos de precarização do trabalho e da educação na cadeia produtiva do setor coureiro-calçadista do Vale do Sinos, Rio Grande do Sul. Por meio de uma abordagem interdisciplinar, procura apreender, no estudo da história local, as relações entre trabalho, identidade e subjetividade. E, finalizando esta seção, apresentamos o artigo de Marcos Del Roio, denominado *As raízes da regressão no mundo árabe*, em que analisa as mobilizações populares que ficaram conhecidas como “primavera árabe”. De acordo com o autor, o objetivo é oferecer um amplo panorama para sugerir a explicação da forte regressividade presente no mundo árabe, mesmo com a presença de micro regiões de incrível riqueza. Na seção debates, José Luís Sanfelice, em *Vandalismo ou movimento social? As jornadas de junho (2013)*, analisa as manifestações ocorridas em 2013, conhecidas como Jornadas de Junho (2013), que, de certo modo, em parte da intelectualidade ocasionaram ora um sentimento de espanto e também o desejo de decifrar o seu significado. E como texto clássico, selecionamos o primeiro e o último capítulo da “*A chamada acumulação primitiva*”, de Karl Marx, em que o autor faz uma análise bastante diferente dos autores tradicionais sobre a transição do feudalismo para o capitalismo e destaca que um está umbilicalmente entrelaçado com o nascimento do outro, que conserva elementos do antigo modo de produção. Contudo, no novo modo de produção, os novos protagonistas e os novos sujeitos passam a ser a burguesia e o proletariado, que experienciam uma luta e um combate sem tréguas, ora franca ora disfarçada, que não raras vezes se concluiu pela imposição de uma dura derrota aos trabalhadores. Para a entrevista, convidamos o Professor Ricardo Antunes que nos brindou com uma análise de “*A crise do capital, a classe trabalhadora, o partido dos trabalhadores e os movimentos sociais e o socialismo*”, seguida de dois comentários. Um do Professor Ariovaldo dos Santos e outro de Plínio de Arruda Sampaio Jr.

Notas:

- ¹ Doutor em Educação pela UNICAMP e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas – HISTEDBR. E-mail: eraldo_batista@hotmail.com.
- ² Membro do Comitê Editorial e Editora Geral de *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*. Doutor em História e Filosofia da Educação pela Unicamp, docente do Curso de Pedagogia e do Mestrado em Educação da UNIOESTE, Campus de Cascavel, e líder do grupo de Pesquisa em História, Sociedade e Educação no Brasil – GT da Região Oeste do Paraná (HISTEDOPR). E-mail: paulinorso@uol.com.br.